ISSN: 2358-8829

O Festival de Parintins como território educativo: saberes amazônicos e pedagogias decoloniais para uma educação antirracista

Carlos Eduardo da Cunha Pereira [1]
Evillin Vitória Pereira Rodrigues [2]
Jonise Nunes Santos [3]
Eulina Maria Leite Nogueira [4]

RESUMO

Este artigo analisa o Festival de Parintins como território de produção de saberes amazônicos capazes de mediar processos de educação antirracista a partir de perspectivas decoloniais. Parte-se do problema de pesquisa: como os saberes produzidos e mobilizados pelo Festival podem contribuir para a construção de práticas educativas que rompam com a centralidade eurocêntrica dos currículos escolares? O estudo fundamenta-se no debate sobre colonialidade do conhecimento, currículo e relações étnico-raciais, defendendo que a escola brasileira ainda se organiza, em grande medida, por uma lógica que privilegia epistemologias europeias e invisibiliza conhecimentos produzidos por povos indígenas, populações negras e comunidades amazônicas. Para tanto, discute-se os efeitos da colonialidade curricular na marginalização dos saberes amazônicos e na análise dos elementos do Festival como formas de mobilização de conhecimentos afro-amazônicos, além das possibilidades de incorporação desses saberes na formação de professores e na educação básica. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, tomando o Festival de Parintins como objeto cultural e pedagógico. A análise evidencia que os bumbás mobilizam saberes afro-amazônicos e indígenas que expressam ancestralidade, memória coletiva, territorialidade e resistência cultural. Esses elementos permitem compreender o Festival de Parintins como um espaço de produção de conhecimentos historicamente marginalizados pela colonialidade do currículo. Ao reconhecer a Amazônia não apenas como objeto de estudo, mas como produtora legítima de epistemologias, o trabalho propõe o deslocamento do olhar pedagógico para experiências culturais subalternizadas, valorizando outras formas de narrar a história, o corpo, a natureza e as relações sociais. Os resultados indicam que esses saberes podem contribuir para a construção de práticas de educação antirracista na educação básica, especialmente por meio do trabalho com música, oralidade, narrativas míticas, expressões corporais, artes visuais e estudos do território. Além disso, apontam possibilidades para a formação inicial e continuada de professores, ao favorecer currículos mais pluriepistêmicos.

Palavras-chave: Educação antirracista; Decolonialidade; Festival de Parintins; Amazônia; Formação

[1] Mestrando do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, carloscunha@ufam.edu.br
[2] Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, vr2104619@gmail.com
[3] Doutora pelo Curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará - UFPA, jonise@ufam.edu.br ;
[4] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, eleite@ufam.edu.br